



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

GEOVANA VITÓRIA OLIVEIRA BORGES SILVA

**CONSTRUINDO SABERES: A EDUCAÇÃO SEXUAL E O ENSINO SUPERIOR - UMA
ANÁLISE ACERCA DOS/AS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Itabaiana
2024

GEOVANA VITÓRIA OLIVEIRA BORGES SILVA

**CONSTRUINDO SABERES: A EDUCAÇÃO SEXUAL E O ENSINO SUPERIOR - UMA
ANÁLISE ACERCA DOS/AS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Fernanda Amorim Accorsi

Itabaiana
2024

GEOVANA VITÓRIA OLIVEIRA BORGES SILVA

CONSTRUINDO SABERES: A EDUCAÇÃO SEXUAL E O ENSINO SUPERIOR - UMA ANÁLISE ACERCA DOS/AS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador(a):
Professora Dr^a. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: __ de __ de 2024

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Fernanda Amorim Accorsi

Professor Dr.^o João Paulo Gama

Professora Dr^a. Kátia Cristina Norões

Itabaiana
2024

Este trabalho é exclusivamente dedicado à minha família que sempre apoiou todas as minhas escolhas e acreditou na minha capacidade de vencer qualquer desafio, aqui estou.

AGRADECIMENTOS

Diante de todos os ciclos que tive na minha vida, esse foi o mais lindo e intenso. Vir para Itabaiana - SE sem nunca ter estado longe do acalento da família, me fez ter admiração pela mulher que Dona Márcia Fernanda criou, a que Dona China caducou e que Dona Maria Felicidade acolheu com amor. As três mulheres mais importantes da minha vida, são as responsáveis por eu estar aqui. Agradeço ao Divino por se fazer presente o tempo inteiro, desde uma borboleta que pousou em mim nos meus momentos de choro, até o abraço de um uma criança que eu nunca vi na vida. Ele (Divino) costurou minha história da forma mais linda, pois até quando levou minha vizinha para sua casa eterna, desenhou a trajetória da família de baianos que do interior da Bahia se aventuraram em Sergipe para recomeçar a vida. Com tanto desvio, me trouxe até esta cidade onde moro atualmente, pelos meus esforços e a permissão dEle, passei numa federal em um curso que nunca imaginei ingressar. Me presenteou com anjos disfarçados de pessoas, seres HUMANOS que sempre estenderam a mão para me puxar para cima. Jálisson, Adelaide, Laudemilla, Taynara, Brenda Mirely me mostraram como amar verdadeiramente, curaram feridas que nunca causaram. Com eles/as aprendi a sorrir mais pelos corredores da UFS, conquistando pessoas que apareceram para somar, Letícia, Marcos (Muzan), André (Brad) Carol, Laís, Caio, Vitor Oliveira (Frango), João Vitor Sodr e e Haendel, tornaram-se minha família e me fazem agradecer todos os dias pelos caminhos cruzados.

Nesses cinco anos e meio, pude crescer, amadurecer e evoluir. Meu irmão Matheus se tornou meu melhor amigo, meu pai passou a se orgulhar mais e pude presenciar minhas primas Deisyane, Deidyane e Dhina se tornarem mães,  ramos quatro meninas bagunceiras até um dia desses. Viver esse ciclo me apresentou ao meu amor e parceiro de vida Vilck, o cara que me impulsiona na vida e por quem eu sou apaixonada.

Este trabalho foi um desafio, pois me chamaram de ousada por pesquisar uma temática que ofende grandes maiorias. Por isso, agradeço a minha ex professora e orientadora Fernanda Amorim Accorsi por abordar magistralmente em suas aulas tudo o que se referia a sexualidade, me encorajou a levar os ensinamentos adiante. Obrigada por me aceitar como orientanda e me ensinar o que jamais será esquecido. Será um exercício diário.

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa exploratória desempenha um estudo sobre o tema Educação Sexual e tem como objetivo geral promover saberes sobre a temática juntamente com a disciplina Educação e Corpo, para estudantes de Pedagogia. A pergunta orientadora é: Como abordar a Educação Sexual em sala de aula na formação inicial de pedagogos/as? Para responder à interpelação optei por ir a campo com a elaboração de uma aula para a tese. Esta foi pensada e preparada com enfoque na turma do 5º período do curso de pedagogia no Campus Professor Alberto Carvalho na cidade de Itabaiana-Sergipe sendo uma escolha intencional do público alvo contando com participantes que já possuíam uma noção básica sobre o assunto. A aula teve preparo pedagógico que infundiu significado tanto na investigação como na exposição, sem negligenciar a estrutura e a organização inerentes a uma sequência didática ministrada em sala de aula. Para a análise, foram utilizados nomes fictícios para substituir os reais das alunas que relataram e contribuíram com a aula. Os nomes derivam de Países que abordam a Educação Sexual de modo institucional nas escolas. A pergunta orientadora foi respondida na medida em que levei sequências didáticas possíveis de serem trabalhadas nos anos iniciais do ensino fundamental, mesmo que de forma rápida durante a execução da aula, como descrito detalhadamente na seção anterior mostrei que há atividades que asseguram a ES ser inserida nos planos de aula. O objetivo geral de promover saberes sobre Educação Sexual na disciplina de Educação e Corpo, para estudantes de Pedagogia foi executado, sobretudo, com as participações de Holanda, Nova Zelândia, Inglaterra, Estados Unidos e Bélgica. Após a execução da aula, reconheço que a universidade compartilha conosco conhecimentos científicos, estágios e vivências que possamos lecionar com maestria e responsabilidade. Passar por todo esse processo e desconsiderar que temas desafiadores, como a Educação Sexual, podem salvar crianças é afirmar que ainda não estamos prontos para o mundo e muito menos preparados para sermos transmissores de conhecimento para uma sala com doze, quinze, vinte ou até mesmo trinta crianças.

Palavras chave: Educação Sexual, pedagogia, discentes, Educação e Corpo

ABSTRACT

This exploratory qualitative research carries out a study on the topic of Sexual Education and its general objective is to promote knowledge on the topic together with the subject Education and Body, for Pedagogy students. The guiding question is: How to approach Sexual Education in the classroom in the initial training of pedagogues? To respond to the question, I chose to go into the field and prepare a class for the thesis. This was designed and prepared with a focus on the 5th period class of the pedagogy course at the Campus Professor Alberto Carvalho in the city of Itabaiana-Sergipe, being an intentional choice of the target audience with participants who already had a basic understanding of the subject. The class had pedagogical preparation that infused meaning in both the investigation and the exposition, without neglecting the structure and organization inherent to a didactic sequence taught in the classroom. For the analysis, fictitious names were used to replace the real names of the students who reported and contributed to the class. The names derive from Countries that address Sexual Education institutionally in schools. The guiding question was answered as I took possible didactic sequences to be worked on in the initial years of elementary school, even if quickly during the execution of the class, as described in detail in the previous section, I showed that there are activities that ensure ES is inserted in lesson plans. The general objective of promoting knowledge about Sexual Education in the Education and Body discipline for Pedagogy students was carried out, above all, with the participation of Holland, New Zealand, England, the United States and Belgium. After completing the class, I recognize that the university shares scientific knowledge, internships and experiences with us that we can teach with mastery and responsibility. Going through this entire process and disregarding that challenging topics, such as Sexual Education, can save children is to affirm that we are not yet ready for the world, much less prepared to be transmitters of knowledge to a room of twelve, fifteen, twenty or even thirty children.

Keywords: Sexual Education, pedagogy, students, Education and Body

LISTA DE ABREVIATURAS

ES Educação Sexual

CNE Conselho Nacional da Educação

IST Infecções Sexualmente Transmissíveis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAMINHOS METODOLÓGICOS PEDAGÓGICOS.....	17
UMA AULA PARA CHAMAR DE NOSSA	21
FINAIS QUE NUNCA ACABAM	30
REFERÊNCIA	32
APÊNDICE I.....	34
APÊNDICE II	36
APÊNDICE III	37

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa desempenha um estudo sobre o tema Educação Sexual (ES), construída junto ao grupo de Pesquisas e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA). O projeto iniciado em 2019 e instituído em 2020 no Campus Professor Alberto Carvalho tem o objetivo de discutir e levar conhecimento aos/as alunos/as da Universidade sobre pautas que são causas sociais: feminicídio, assédio, gênero, raça, lugar social de gêneros e entre outros. Nas próximas seções, serão discutidos os principais motivos que fizeram a escolha deste conteúdo. É importante ressaltar que a ação é motivada, em parte, por anseio pessoal de compartilhar o que, por mim, foi aprendido durante meu período acadêmico no curso de Pedagogia e, ainda, com as leituras, fichamentos, reflexões e orientações da elaboração da monografia. A convicção de que todo conhecimento capaz de promover transformações positivas em nossas vidas deve ser compartilhado guia minha prática ancorada no pressuposto teórico-metodológico dos Estudos Culturais, uma vez que não há separação entre pesquisadora e objeto de estudo. Utilizo minhas vivências como uma forma de enriquecer e contribuir para o avanço da pesquisa (Accorsi e Teruya, 2020).

Para a execução das aquisições científicas que compõem esta monografia, optei por ir a campo. A proposta da pesquisa é alcançar docentes com ou sem tabus e destacar a seriedade da Educação Sexual integrada às aulas desde os anos iniciais, expondo que esta é tão importante quanto ensinar português e matemática, pois a sexualidade está inserida na criança, desde o seu nascimento, acompanhando - a em todos os ciclos da vida, de acordo com Freud (2006) *apud* França (2006). Pensando nisso, decidi abordar o seguinte público alvo: **licenciandos e licenciandas em pedagogia**. Pensando na melhor forma de chegar ao público alvo, pensei na proposta de trabalhar com uma turma que já tivesse o conhecimento prévio da temática, sendo assim, a disciplina que trabalha o tema no curso de pedagogia e discute sexualidade, explorando gênero, a diversidade dos corpos e suas posições sociais, raça, etnia, classe social e Educação Sexual é a de Educação e Corpo. Há outras, mas esta estava em vigência no segundo semestre de 2023, recorte temporal da elaboração deste trabalho.

Compreendendo meu anseio em chegar até essas pessoas, recebi e aceitei o convite feito pela professora e minha orientadora Professora Doutora Fernanda Amorim Accorsi para ministrar uma aula sobre tema de pesquisa, no referido componente curricular. Deste modo, minha pesquisa foi realizada junto da turma do 5º período do curso de pedagogia no Campus Professor Alberto

Carvalho na cidade de Itabaiana - Sergipe, onde a professora Fernanda lecionava com a proposta da disciplina Educação e Corpo, conforme o projeto pedagógico do referido curso. Vale ressaltar que a própria disciplina já se configura como uma forma de Educação Sexual aplicada (Maia e Ribeiro, 2011).

A ideia da aula não é fantasiar a Educação Sexual (ES) para os/as licenciandos e licenciandas, mas compartilhar que o tema pode ser uma ferramenta fácil de incorporar nas escolas, principalmente porque o contato com a didática deste assunto só conhecemos ao chegar na universidade, desde que disciplinas como a de Educação e Corpo sejam inseridas nas matrizes curriculares dos cursos de licenciatura. Sob esse olhar, posso afirmar que levar discussões sobre sexualidade nas instituições de ensino é, de fato, enfrentar possíveis desafios. A abordagem do tema é frequentemente interpretada como desacato aos princípios conservadores. A resistência que procede em levar o assunto para as salas de aula, por vezes, se originam dos/as próprios/as profissionais da educação, influenciados por crenças religiosas ou amarrados em um tradicionalismo social.

Tradicionalismo este que, historicamente, tem sido moldado pelos princípios do homem heterossexual branco, de classe média, cristão. Expresso essas afirmações, derivadas de experiências que marcaram minha trajetória educacional que antecedeu o acesso ao ensino superior, sendo que em toda minha vida a Educação Sexual não foi discutida na casa de minha família e nem tampouco havia orientação. Já na escola, tive acesso, enquanto adolescente, apenas a palestras de prevenção como uso de contraceptivos para evitar o contágio de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez na adolescência. Contrapondo a alegação de que abordar a ES é contestar o que compreende-se de conservadorismo, posso afirmar que essa abordagem possui significado social e político, é sobre conhecer-se, é sobre relações, é sobre aprendizagens.

A temática tem o propósito de desconstruir a estrutura de pensamentos regressistas que limita o enfoque associando sexualidade à pornografia. A Educação Sexual engloba temas amplos como saúde, higiene, prevenção à violência, feminicídio, orientação sexual, e demais tópicos relacionados que serão abordados nas próximas linhas. O tema não incentiva crianças a iniciarem a vida sexual precocemente, como as notícias falsas espalham, mas ajudam - as a não permitirem que façam isso com elas, citando assim o abuso sexual. Visto que, a Educação Sexual vai além de estigmas, utilizada de forma orientada, torna-se ferramenta provedora de conhecimento, prevenção

e conscientização sobre aspectos fundamentais para a formação integral de crianças e adolescentes (Fernandes e Lorenzetti, 2019).

Há um questionamento intrigante quando citamos que, nas escolas, as palestras são voltadas exclusivamente para adolescentes do Ensino Fundamental II e Médio onde abordam IST e gravidez. Podemos observar que existe uma ótica restrita sobre Educação Sexual, sendo assim não tiro o mérito desses assuntos, mas é crucial questionar: onde estão os discursos baseados em pesquisas científicas que falam sobre o aborto, a violência e entre outros aspectos vitais da dignidade humana? A resposta pode ser: A Educação Sexual segue estereotipada no enfoque de sexualidade, fazendo com que outras temáticas de extrema importância sigam em segundo plano (Ribeiro e Reis, 2007). Com base nos estudos propostos nesta pesquisa, afirma-se que “a sexualidade está presente em todas as faixas etárias. Normalmente o que acontece é a negação por parte da sociedade, e, por não saber lidar, dos professores e profissionais de saúde. A escola, querendo ou não, depara -se com situações nas quais é chamada a intervir” (Ribeiro e Wagner, 2007, p. 377). Ao considerar que as palestras mencionadas são uma diligência da gestão escolar, observa-se uma lacuna nas séries da Educação Infantil e no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) quando se trata da Educação Sexual, que acabam sendo negligenciadas. É crucial que a motivação para desenvolver essas atividades parta dos/as próprios/as professores/as, muitas vezes influenciados/as pela visão de que as crianças são seres assexuados e puramente inocentes.

Nesse contexto, vale ressaltar a perspectiva de Freud (2006) *apud* França (2006), que naturalizava a presença da sexualidade em cada indivíduo desde a infância. Refletir sobre a ES mostra que ela sempre esteve presente, mesmo que não explicitamente reconhecida. O estudo nesta área é tão significativo que faço uso da minha experiência nesta pesquisa, quando atuei pela primeira vez em sala de aula no ano de 2021. Lecionei como professora substituta em uma turma de segundo ano do ensino fundamental numa instituição particular na cidade de Itabaiana Sergipe. Houve uma situação que necessitava de intervenção profissional quando, em um dia letivo comum enquanto corrigia prova em sala de aula na hora do intervalo, duas meninas de sete anos brincavam perto do local onde eu estava, até o momento que ficaram em silêncio e logo estranhei. Fui averiguar o porquê estavam quietas e me deparei com as duas alunas trocando selinhos, quando perceberam minha presença, ficaram assustadas. No momento em questão, não tive sequer reação, me assustei assim como elas e pedi para que se afastassem por medo de alguém presenciar e castigá-las. Até hoje me questiono porque não iniciei um diálogo com as meninas, orientei e acolhi. Porém,

tampouco sabia como trabalhar a ES nesse momento. Em um período mais recente, passei pela mesma situação, só que em uma turma de maternal onde estagiei por um mês como auxiliar, também em uma instituição privada na cidade de Itabaiana Sergipe. Duas alunas de três anos de idade trocaram selinho em momento de recreação, sendo que em um dos casos, já tinha presenciado o pai e a mãe de uma das meninas darem selinho ao se despedirem da pequena na escola. Nesse caso, foi mais fácil identificar o motivo que levou à ação da menina com a colega. Tentei orientar da melhor forma sem repreendê-las, mas explicando que algumas trocas de afeto não se aplicavam aos/às colegas e nem aos/às adultos/as.

Em reflexão ao parágrafo anterior, as fundamentações teóricas junto dos relatos pessoais disponibilizados, sustento a afirmação que existe sexualidade na infância e a importância de incorporá-las à Educação Sexual. Ao trazer essa perspectiva, surge a reflexão de que, na ausência de uma orientação congruente, as crianças tornam-se mais vulneráveis a sofrer abusos. O mais preocupante é que, quem comete os abusos são pessoas de confiança que têm contato diário com os/as pequenos/as. Conforme o site da CNN BRASIL, nos últimos anos mais de 68% dos casos de violência sexual contra crianças de zero a nove anos no Brasil vem de familiares e conhecidos. No período entre 2015 à 2021 o país registrou mais de 200 mil casos de abuso sexual contra crianças, onde o mais assustador é que a maioria das crianças que sofreram a violência, são do sexo feminino (Cnn, 2021). O dado corresponde a 76,9% de meninas que sofreram abusos no Brasil, uma estatística alarmante com uma seta vermelha enorme apontada para um gênero que prevalece como vítima da violência: o feminino. Contudo, devemos lembrar que estamos falando sobre meninas, crianças que necessitam ao menos de conhecimentos básicos sobre Educação Sexual que são ensinadas apenas a se adequarem ao comportamento “apropriado” imposto pela sociedade. Essas meninas tornam - se mulheres, as quais que podem fazer parte de um novo número, a do Femicídio. Segundo o site Carta Capital, o Brasil registrou cerca de 1.410 casos de feminicídio no ano de 2022, sendo que o país obtém uma das taxas de feminicídio mais altas do mundo, são números alarmantes que causam profunda indignação (Carta Capital, 2022). Falar em violência contra a mulher, não há como citar o aborto, assunto que divide-se entre crenças religiosas que abominam o ato e a saúde pública. Quando o aborto torna-se saúde pública? Quando a vítima engravida em decorrência de uma violência, quando meninas de onze, doze anos são abusadas e geram um fruto de um ato cruel e violento? Em caso que a gravidez é resultado de violência sexual, a mulher tem o direito de optar pelo aborto, independente de sua saúde. No entanto, a

implementação do aborto legal no Brasil é limitada, visto que poucos hospitais realizam esse procedimento, apesar de sua legitimidade legal. Em 2005, o Ministério da Saúde emitiu uma portaria (nº. 11.45/05) que dispensa a vítima de estupro de apresentar um Boletim de Ocorrência para interromper a gravidez. Isso reconhece a autonomia da mulher e a compreensão das autoridades sobre a necessidade de respeitar o direito de escolha. (Martins; Angotti e Mafioletti, 2009). Esse cenário carece de uma evolução para uma política pública consolidada. Ao conectar a Educação Sexual a esse contexto, tenho o objetivo de causar reflexão aos/as pedagogos/as e aos/as futuros/as profissionais da educação, que sim, é de suma importância orientar meninas sobre autodefesa em casos de abusos. É indispensável, ainda, trabalhar em sala de aula limites, autocuidado e respeito independentemente do gênero, visto que, o/a agressor/a também já foi criança.

Portanto, o estudo nesta área, é indispensável para que o/a profissional possa conduzir sua turma de forma orientada e pedagógica, resultando em desempenhos aprimorados. Quando a escola e o/a professor/a atuam em parceria e dedicam todo o espaço escolar à abordagem do tema, assim como a realização de palestras, atividades e eventos de relevância forma - se uma conjuntura propícia para a formação e informação. Esse compromisso conjunto estabelecido entre a instituição e profissionais reforça a valoração da presença do/a aluno/a naquele ambiente educacional. Lembrando que, como educadores/as, ocupamos uma posição de apoio essencial depois da família. Estamos moldando as perspectivas das crianças em relação à escola, impactando sua autocrítica de pertencimento ou não pertencimento. A capacitação contínua sempre será a melhor ferramenta do/a educador/a (Fernandes e Lorenzetti, 2018). Enquanto profissionais capacitados/as, desempenhamos o papel de desvendar as informações das desinformações, abordando, inclusive, a problemática das notícias falsas - as “fake news”. Na medida que demais assuntos ganhem engajamento nas mídias e sejam alvos de informações inverídicas, com a Educação Sexual não seria diferente. Em exemplo disso, no ano de 2018 a internet estremeceu com a suposta e futura implementação de um “Kit Gay” nas escolas. O enfoque ocorreu durante a campanha política do ex -presidente Jair Messias Bolsonaro, as mídias eram bombardeadas com o termo pejorativo citado anteriormente que distorcia a abordagem da Educação Sexual. Na verdade, era um método de atacar os materiais disponibilizados nas escolas brasileiras relacionados à diversidade de gênero e orientação sexual. Após empossado, o então ex-presidente manteve a postura de que não permitiria esses materiais nas escolas, com a justificativa de que não queria que as crianças fossem expostas

ao conteúdo por “incentivá-las precocemente” às atividades sexuais. Visando a ideia de que o “Kit Gay” nada mais foi que um pânico moral, assimilado ao reflexo dos conceitos enraizados socialmente, onde a sociedade necessitava apenas de um representante para manifestar seus sincretismos. Esse relato também nos faz lembrar que, em 2019 a ministra da mulher na época Damares Alves, aparece em um vídeo falando que “menino veste azul e menina veste rosa” (Pains, 2019 *apud.* Barzotto e Seffner, 2020). É possível visualizar conceitos arcaicos e baseados em um tradicionalismo religioso, compreendendo que a educação necessita de neutralidade (Barzotto e Seffner, 2020). A Escola sem Partido é outro cenário educacional do pânico moral que trabalhou pelo moralismo, usando figuras que “representam” os anseios sociais e os direitos da população, quando, na verdade, essas figuras utilizam descaradamente o ambiente educacional para propagar desigualdade, misoginia e movimentos antigêneros. Esses movimentos procuram negar ou contestar o que podemos compreender sobre gênero como uma construção social e cultural (Barzotto e Seffner, 2020). Volto a citar que a Educação Sexual não estimula atividade sexual, essa informação está disponível até mesmo em um artigo no site do Governo Brasileiro, disposto pela Secretaria de Comunicação Social. O artigo desmistifica a fake news de que Educação Sexual instiga a prática, sendo que, na verdade, trata-se de um divisor de águas. Compreende-se que o que consumimos e disseminamos, vai além da esfera política, devido que atende também a área educacional. As notícias falsas estão enraizadas nos aspectos sociais, onde quem consome também contribui para a dissipação destas e quando se trata de educação, a cautela deve ser redobrada e filtrar as informações e suas correspondências (Ribeiro e Pablo, 2018).

Traçando o propósito em seguir com a área de pesquisa que envolve Educação Sexual e a capacitação de professores/as na área, com a finalização desta pesquisa em questão, obtenho o desejo de que seja utilizada para fins pedagógicos onde a intenção, seja inserir a Educação Sexual nas atividades trabalhadas em sala de aula. Ademais, para que os/as futuros/as profissionais da educação na área de pedagogia, tenham a percepção que buscando melhor aprender sobre a Educação Sexual no período de formação, melhor será o desempenho quando se tratar de inserir a temática na sua didática. Início a trajetória com os/as licenciandos de pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho em Itabaiana-Sergipe. A pergunta orientadora deste trabalho é: como abordar a Educação Sexual em sala de aula na formação inicial de pedagogos/as? Para isso, foi criado o objetivo geral de promover saberes sobre Educação Sexual na disciplina de Educação e Corpo, para estudantes de Pedagogia. Enfatizo que a ES é um tema fundamental principalmente

nas Pedagogias do Presente, sendo que as crianças e adolescentes estão expostos/as a conteúdos sexuais a partir das mídias. Contudo, as escolas seguem resistindo à implementação de programas de Educação Sexual competentes. Entretanto, essa atitude pode ocasionar em espaços vagos no conhecimento dos alunos, riscos para a saúde e silenciamento de violências, como foi afirmado anteriormente. Com base nisso, compreendo o impacto que há na abordagem do tema em sala de aula, podendo contribuir para a formação integral do/a aluno/a, não apenas na aprendizagem de conceitos biológicos, mas também no desenvolvimento de competências sociais, educacionais, políticas e éticas.

O conceito de ES é vasto e tem uma trajetória rica. Ele integra a essência de todo ser humano e se manifesta de maneira variada, influenciado pela cultura e pelo contexto histórico. Abordando sobre a sexualidade humana, vai além da dimensão biológica, psicológica e social, exprimindo de forma particular em cada indivíduo. A Educação Sexual deve ser conduzida por profissionais capacitados/as e preparados/as, de forma estruturada, pedagógica e limitada no tempo, com o objetivo de informar, discutir e refletir sobre questões de sexualidade com os alunos. A temática não se resume a um rótulo, mas em uma abordagem educacional com significados e sensibilidade que visa preparar seres humanos para a compreensão em lidar com sua própria sexualidade, seu corpo, comportamentos considerando a diversidade e promovendo uma cultura de respeito e saúde. A preparação de profissionais requer estratégias e disponibilidade para agregar ao seu trabalho às diferentes concepções do tema trazidas por cada aluno/a desde o berço familiar. A priori, são consideradas as diferentes culturas e conceitos religiosos de cada indivíduo, respeitando a historicidade e como lidam com as perspectivas levantadas sobre o tema. (Maia e Ribeiro, 2011).

Esta pesquisa está dividida em três seções, a primeira *Caminhos Metodológicos e Pedagógicos* onde será possível acompanhar a construção da aula elaborada para este trabalho e a dinâmica escolhida para a execução da ação. Segunda intitulada *Uma Aula Para Chamar de Nossa*, traz a análise da exposição desde a abordagem de cada tópico do plano de aula, à comentários das alunas que contribuíram para esta. A terceira *Finais Que Não Acabam*, a última seção tratará da conclusão da dissertação acerca do problema de pesquisa e objetivo geral respondidos.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS E PEDAGÓGICOS

A partir de Teorias Feministas, dos Estudos Culturais, de Gênero e de Educação Sexual em uma perspectiva exploratória, este estudo tem caráter de natureza qualitativa. Foram feitas leituras de autoras e autores como Ana Cláudia Bortolozzi e Paulo Rennes (2011), Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti (2018 e 2019), Marcos Ribeiro e Wagner Reis (2007), Fernanda Accorsi e Teresa Teruya (2020) Jimena Furlani (2005) e foram realizadas articulações teóricas entre estes/as mencionados/as para produzir o arcabouço teórico, mas também realizar a prática de formação com os/as licenciandos/as. Os textos lidos foram associados aos relatos pessoais de situações em sala de aula, as quais estão citadas na introdução, que solicitaram intervenções relacionadas à Educação Sexual. A pesquisa se volta para a valoração da qualificação do/a profissional da educação para que saiba intervir, agir, acolher e educar quando o assunto for a ES e os tópicos trazidos por ela, como, por exemplo, a sexualidade, saúde sexual, violência sexual, desenvolvimento sexual, comportamental, gênero, raça, etnia, classe social e origem. (Fernandes e Lorenzetti, 2018).

No campo deste estudo exploratório, que também se enquadra nos Estudos Culturais, foi realizada uma aula no Campus Professor Alberto Carvalho em Itabaiana-Sergipe, direcionada aos/as estudantes de pedagogia que já passaram pela disciplina de Educação e Corpo. A escolha do público alvo teve o propósito de compartilhar os conhecimentos adquiridos ao longo dos cinco anos como graduanda do mesmo curso nesse campus. Nesse contexto, as conexões estabelecidas com as pesquisas realizadas por mim têm como objetivo transmitir aos/as futuros/as licenciandos/as minha visão de mundo à partir da maturação de ideias e bases teóricas de cunho político e pedagógico acerca da Educação Sexual, para ser inserida nas atividades em sala de aula desde os primeiros anos do ensino fundamental. Não se tem uma fórmula pronta para agregar a temática às atividades, é necessário planejamento e seguir uma sequência didática com embasamento aos ensinamentos obtidos durante a graduação. Dessa maneira, busquei inspirar como fui inspirada para usufruírem de suas ideias juntamente com estudos que assegurem suas atividades, em uma abordagem que se assemelha à perspectiva dos Estudos Culturais “[...] como parte dos discursos, procuramos valorar positivamente nossos significados na tentativa de engajar outros/as participantes em nossa perspectiva” (Accorsi; Teruya, 2020, p. 193).

A aula produzida exclusivamente para esta pesquisa foi pensada e preparada com um enfoque pedagógico que infunde significado tanto na investigação como na exposição, sem negligenciar a estrutura e a organização inerentes a uma sequência didática ministrada em sala de

aula. Na esquematização da aula foi incorporado o conceito Pedagogias do Presente, em compreensão ao artigo escrito por Viviane Camozzato (2014). As Pedagogias do Presente, ao se conectarem com a prática profissional dos/as educadores/as, contribuem simultaneamente para o desenvolvimento pessoal. Nessa perspectiva, o "ser" e a pedagogia estão em constante progresso, não se limitando a uma verdade absoluta. Ainda que a aula seja planejada, ela é viva porque conta das experiências, opiniões e demandas dos/as alunos/as e da professora. Partindo deste viés, reafirmo que o que foi apresentado na aula pode ser fluido e co-construído em colaboração com os/as alunos/as presentes, uma vez que não há uma resposta definida e estática, mas sim uma concepção que é suscetível de expansão e aperfeiçoamento contínuo, ao incorporar lampejos de outras pesquisas, relatos, diálogos e interações (Camozzato, 2014).

Foram utilizados nomes fictícios para substituir os reais das alunas que relataram e contribuíram com a aula. Os nomes derivam de Países que abordam a ES de modo institucional nas escolas (Moraes, 2019). Meu desejo pessoal e os índices de violência demonstram a urgência de institucionalizar o tema nas escolas brasileiras. Na **Holanda**, um país localizado na Europa Ocidental com cerca de 17,53 milhões de habitantes e liderado pelo atual presidente Mark Rutte, a Educação Sexual é tratada com naturalidade. De forma compulsória, o tema é abordado nas escolas a partir dos quatro anos de idade. Vale ressaltar que a Holanda apresenta a taxa mais baixa de gravidez na adolescência do mundo. Nos **Estados Unidos**, país localizado na região central da América do Norte, tem aproximadamente 331,9 milhões de habitantes, tendo como governante o presidente progressista Joe Biden. A temática é trabalhada em 90% das regiões do país, com variações significativas de Estado para Estado. Entretanto, metade desses Estados não possui obrigatoriedade de incluir instruções sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) no currículo escolar, conferindo autonomia à região na conscientização sobre o programa de Educação Sexual nas escolas.

Na **Bélgica**, país situado na região oeste da Europa, com aproximadamente 11,59 milhões de habitantes e sob a liderança de Charles Michel. Nas escolas do país, as aulas de Educação Sexual existem há mais de cinquenta anos e há mais de 10 anos, contam com o guia "Evras - Educação à vida de relacionamento, afetiva e sexual", que tornou-se obrigatório no currículo escolar. A **Nova Zelândia** também contribui para a evolução na Educação de forma Política. Este país fica centralizado no Continente da Oceania, obtendo 5,123 milhões de habitantes, quantitativo menor comparado aos outros países, este está sob a presidência de Cris Hipkins que está substituindo a

ministra Jacinda Arden que renunciou recentemente ao cargo. O Parlamento da Nova Zelândia aprovou uma legislação que proíbe as chamadas *Terapias de Conversão Sexual*. Essa nova lei criminaliza procedimentos que buscam alterar a orientação sexual, expressão ou identidade de membros da comunidade LGBTQICAAPF2K+. Aqueles que violarem essa regra podem enfrentar penalidades que incluem até 5 anos de prisão. E, por último, a **Inglaterra** onde sua localização é na Ilha da Grã Bretanha, no Oeste da Europa, com sua população de aproximadamente 55,98 milhões de habitantes e tendo como governante a partir de 2022 Liz Trus, substituto do primeiro-ministro Boris Johnson. Na Inglaterra, as crianças têm acesso à ES na escola a partir dos cinco anos de idade, aulas não obrigatórias dependendo da decisão dos/as seus/suas responsáveis, porém a ES e de relacionamento faz parte do currículo escolar do País e boa parte das famílias faz adesão às aulas julgando-as importantes para a formação das/os pequenos/as (Moraes, 2019).

Deste modo, as narrativas que aconteceram na aula ministrada por mim, como parte desta pesquisa, que são discutidas neste trabalho, são atribuídas a estudantes de pedagogia que tiveram suas identidades preservadas e, por este motivo, são chamadas por países que já trabalham a ES. A mensagem empenhada em ser transmitida na aplicação da aula para esta pesquisa é de que a temática é de fato um critério da escola e principalmente dos/as professores/as, com a justificativa de que o tema não é necessário ser abordado, já que não faz parte do currículo escolar, jogando a responsabilidade somente para a família. (Furlani, 2009). Os saberes trabalhados na aula são objetivos e subjetivos e tiveram a função de sustentar uma reflexão voltada para a importância de explicar a função guarda-chuva da Educação Sexual no ambiente escolar de forma educativa, científica, problematizadora e pedagógica. Para que, futuramente, quando houver situações que envolvam este tema, os/as alunos/as possam refletir sobre esse momento de aprendizagem. Para isso, a aula foi iniciada com a afirmação de que, primeiro, os/a educador/a precisa se esquivar do tabu, do preconceito com o tema e se amparar na ciência para entender e trabalhar o assunto.

A aula trouxe estudos teóricos que disponibilizam informações para facilitar a compreensão dos/as licenciandos/as de que trabalhar ES também é uma atitude política e como toda ação política, necessita de pesquisa, entendimento e ação. Pensando nessa perspectiva que a ação foi elaborada na seguinte sequência didática: *I História da Educação Sexual no Brasil e os impasses para sua implementação nas escolas* - o porquê as escolas começaram a fornecer palestras sobre Educação Sexual; *II O quão fundamental é exercitar a Educação Sexual desde os anos iniciais*. *III As Fakes News existentes nessa temática* e por fim, para obter uma avaliação desta aula, foi executada uma

atividade em grupo para que se possa observar a recepção de informações compartilhadas com os/as licenciandos/as, conforme plano de aula contido no apêndice III.

3. UMA AULA PARA CHAMAR DE NOSSA

Esta análise refere-se à aula que foi o objeto de pesquisa deste trabalho científico, sendo planejada e fundamentada em autores/as que exploram a temática da sexualidade. A escolha intencional da turma visava contar com participantes que já possuíssem uma noção básica sobre o assunto, como foi escrito anteriormente. Com esse propósito, a atividade foi programada para ocorrer no último dia da disciplina de Educação e Corpo com a intenção de unir o tema discutido neste estudo ao conteúdo programático. A ementa da referida disciplina é:

Corpo como constructo histórico-cultural e ético. Corpo e história; corpo e cultura; corpo e ciência; corpo e tecnologia; corpo e relações de poder. Educação do corpo. Contextos e conformação de corpos: escola e corpo, saúde e corpo, mídia e corpo. Anticorpos: corpos e transformação de contextos, corpo e arte, corpo e estética, corpos *queers*. Movimento e afetividade: educação, (des)aprendizagem e corpo (PPC, 2021, p. 91).

A aula aconteceu no dia seis de outubro de dois mil e vinte três, das 19h às 22h, de uma sexta-feira, na sala 006 do bloco D no Campus Professor Alberto Carvalho, localizado na cidade de Itabaiana no Estado de Sergipe, com a presença de 45 alunos/as. A atividade foi iniciada com a apresentação da minha pesquisa, que reflete um aprendizado adquirido em cinco anos do curso de Pedagogia. Explanei também que, por motivos pessoais nas minhas trajetórias de estágios em escolas, percebi a necessidade que se têm de trabalhar e discutir Educação Sexual desde os anos iniciais, bem como a falta da temática e orientação na minha infância e adolescência. A fundamentação para iniciar a discussão foi estabelecida por meio da elaboração de um slide com o título *Educação Sexual e Educação Infantil* contendo as principais ideias que contribuíram para a construção de um conteúdo programático dos/as autores/as a seguir: Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti (2019), Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2011), foram utilizados também vídeos da plataforma YouTube que conversavam diretamente com cada discussão trazida. O primeiro foi do canal O tempo tendo o vídeo intitulado como Diz#mente - Educação Sexual nas Escolas com duração de cinco minutos e onze segundos, alcançando 150 mil visualizações apresentado pelo jornalista Pedro Augusto Correia, que aborda a importância de trabalhar o referido tema utilizando as informações de notícias atuais e baseando-se em teorias de profissionais que discutem o assunto; um vídeo do canal PodPah com o título *Educação Sexual nas Escolas* onde o vídeo foi selecionado por alcançar 7.158 mil visualizações obtendo cinco minutos e nove segundos, uma vez que os apresentadores Igor Cavalari (Igão) e Thiago Marques (Mítico) exploram tópicos em cada episódio. A ideia central é destacar que, ao assistirem, os alunos e as

alunas têm a oportunidade de perceber que a temática da Educação Sexual está intrinsecamente presente em diversas conversas cotidianas. O último vídeo tem dois minutos e quatro segundos, foi trazido do canal PORTA DOS FUNDOS com o tema *Fake News*. O ator Fábio Porchat, junto com outros artistas, tem o hábito de abordar questões polêmicas na perspectiva humorística. Optei por vídeos que tenham uma linguagem elucidativa, poucos minutos e com pessoas conhecidas na internet. O recurso audiovisual mencionado, aliado aos pontos de evidência no slide, desempenhou um papel fundamental em manter a aula interativa, destacando que a Educação Sexual não se restringe apenas à leitura, mas é também objeto de discussão nas mídias sociais. Durante a explanação da aula neste tópico, farei uso de nomes dos Países já vistos nesta pesquisa, Holanda, Bélgica, Estados Unidos, Nova Zelândia e Inglaterra para confidencializar os nomes originais das alunas participantes.

Ao concluir a apresentação inicial, introduzi a discussão com a seguinte pergunta: "Vocês têm conhecimento sobre como a Educação Sexual foi incorporada nas escolas?" Em resposta, a turma indicou desconhecimento com movimentos negativos. Baseando-me na leitura dos textos de Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti (2019) e no conhecimento prévio do tema, compartilhei com os/as alunos/as que essa conversa remonta à época em que as escolas eram predominantemente de orientação católica. Naquele contexto do século XIX, a "informação" às mulheres sobre seu papel como esposa e reprodutora, fundamentada em conceitos bíblicos, poderia ser considerada Educação Sexual, embora o termo não fosse reconhecido pelos líderes religiosos.

Apenas médicos, pensadores e moralistas do sexo masculino poderiam trazer essa discussão a público, deslegitimando a participação da mulher nessa pauta política. Em 1920, a ES foi cogitada em ser consolidada nas Escolas devido ao setor político compreender a gravidade do surto da AIDS na época, com esse assunto também vieram a preocupação em combater a masturbação, IST e preparar as meninas para a REPRODUÇÃO, sim, ensinar adolescentes a serem mulheres e prepará-las para a maternidade. Somente em 1928, o Congresso Nacional de Educadores aprovou a proposta de implementação da Educação Sexual nas escolas, restrita a crianças com mais de onze anos. No período de oito anos, entre 1920 e 1928, é questionável como a Educação Sexual foi abordada (Fernandes e Lorenzetti apud Sayão, 1997). Com o destaque desse tema, infectologistas e enfermeiros foram convocados para discutir assuntos como preservativos e o seu uso para evitar o contágio da IST e a gravidez na adolescência. Historicamente, é importante observar que as discussões sobre o tema eram predominantemente direcionadas aos/as

adolescentes, sob a perspectiva de que estavam na fase de puberdade. O foco era evitar que esses/as adolescentes contribuíssem para a disseminação de doenças, considerando que o governo teria maiores gastos com saúde, enquanto isso, o público infantil era - e continua sendo - excluído dos programas de Educação Sexual (Louro, 2006). Ao concluir os primeiros relatos teóricos, **Holanda** expressou surpresa ao admitir que não tinha conhecimento que as orientações bíblicas eram interpretadas pelos padres e sacerdotes onde centralizavam a mulher como reprodutora e submissa ao seu parceiro e sobre como deveriam se comportar socialmente, considerando isso como parte da Educação Sexual da época. Em seguida, abordei os desafios enfrentados na implementação da temática nas escolas, especialmente após a proposta do Conselho Nacional de Educação (CNE). Além da resistência por parte dos/as próprios docentes, que não tinham preparo algum, a família não concordava com a abordagem, temendo que a ES retirasse a "inocência" das crianças. Essa preocupação ecoou nos corredores políticos, onde estes pais buscavam medidas que freassem a concretização do programa nas escolas.

No decorrer da aula, as alunas pontuavam situações que presenciavam em seu cotidiano em concordância com a pauta anterior, em exemplo **Nova Zelândia** compartilhou que, na escola onde trabalha, suas colegas da educação infantil têm total despreparo para tratar as crianças, sendo que no maternal, a auxiliar de sala na hora da troca de fraldas, deixa os/as pequenos/as sem vestes dentro da sala de aula sem se importar se outras pessoas estão assistindo, a justificativa que sua colega dá é que as crianças são muito pequenas para compreender sobre vergonha e limites. Holanda completa a fala da colega de turma, relatando que se sente incomodada com a falta de responsabilidade da colega de trabalho de **Nova Zelândia** com as crianças e que estas devem ser respeitadas desde o nascimento e principalmente após ingressar no ambiente escolar. A aluna defende a ideia de que a escola é o segundo lugar mais importante para a criança e em primeiro lugar o ambiente familiar, em ambos os/as pequenos/as devem ser acolhidos/as, respeitados/as e protegidos/as. As discentes abrem espaço para mais relatos, como o de **Inglaterra** que partilhou para a turma o que observa no seu estágio em uma escola da região. Expõe que nesse espaço há resistência dos/as próprios/as educadores/as em falar sobre o tema, principalmente pelo fato da maioria terem mais de quarenta anos, concluindo que é inviável aplicar o programa de ES na Escola. **Inglaterra** acrescentou ao seu relato que, quando acontece uma situação de cunho sexualidade em que as professoras/es do ensino infantil e fundamental precisam intervir, pedem imediatamente socorro à direção para que “passem a bola” para a família da criança, tirando a

responsabilidade da escola com alegação de não querer causar escândalos na sociedade envolvendo o nome da Instituição. Enquanto a troca de experiência acontecia, a turma se mantinha atenta, onde pude aplicar o slide posterior que falava sobre os *Benefícios De Trabalhar Educação Sexual Nas Escolas*, continuando com os conceitos de Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti (2019). Dei continuidade a aula com um dado preocupante: entre 2015 e 2021, o país registrou mais de 200 mil casos de abuso sexual contra crianças, dados mencionados anteriormente nesta monografia. Esse número alarmante evidencia a responsabilidade compartilhada entre família e escola para acolitar as crianças a reconhecerem situações de abuso. Pautando a dificuldade em abordar o assunto em casa, por vezes devido a tabus, ou falta de conhecimento sobre o assunto, uma vez que esses/as responsáveis não tiveram nenhuma orientação sobre o tema durante a vida. Os/as professores desempenham um papel crucial no processo educativo porque na maioria das vezes, não há espaço e acolhida para a Educação Sexual na casa dessas crianças, logo a escola pode ser a mediadora da formação que impede traumas e violências. Educar não é neutralidade, há muito de nós na nossa conduta docente, trabalhar ES com nossos/as alunos/as é tornar a profissão escolhida a mais humana possível. Já que podemos ser a única pessoa que aquela criança deposita confiança (Furlani, 2009).

Durante a disciplina de Educação e Corpo, ministrada pela professora Fernanda Amorim Accorsi, a **Bélgica** reavaliou a ES, reconhecendo sua importância desde os primeiros anos de forma pedagógica. Ela compartilhou que, embora ainda tenha dificuldade em tratar o assunto com naturalidade e usar os termos corretos, percebe a necessidade de evitar transformar assuntos sérios em “piada”, em exemplo é o uso de termos pejorativos quando se trata em falar sobre partes íntimas na frente dos/as alunos/. É fácil ouvir “florzinha” e “pintinho” substituindo as palavras Pênis e Vulva como forma de infantilizar o que deve ser tratado com seriedade, geralmente esses termos ultrajantes são linguagens utilizadas por pedófilos (Soares e Ribeiro, 2023). Após o relato da discente, promovi uma discussão com a turma sobre a relevância da Educação Sexual não apenas no contexto de prevenção ao abuso, mas explicar que a negligência familiar, muitas vezes, caminha de mãos dadas com a distorção de que abusadores são sempre estranhos e que estes não são os que fazem parte do círculo de convívio da criança. Além disso, a ausência de orientações direcionadas às crianças e adolescentes, que frequentemente são silenciados pela família e doutrinas religiosas, onde estes desconsideram a sexualidade inerente a todo ser humano, aumenta a probabilidade de ocorrer não só abusos, mas gravidez indesejada e também adquirir IST e sofrerem abusos vindo de

qualquer pessoa, já que são ensinadas a confiarem nos adultos que as cercam (Fernandes e Lorenzetti, 2019).

Enfatizei que tópicos como respeito ao próximo em sua orientação sexual, raça, respeito a como o/a outro/a se veste, conversa, anda também compõem a Educação Sexual. Questionamos que se as questões citadas anteriormente são essenciais para o convívio social, por que não levamos essas pautas para a sala de aula de forma pedagógica, utilizando de métodos como inserir a ES nas disciplinas, atividades interdisciplinares, fazendo uso de músicas incitando a igualdade, filmes que trabalhem respeito conforme a faixa etária da turma, literaturas que explore as diferenças dos corpos, atividades coletivas que instiguem as crianças conhecerem a cultura dos/as colegas, partilha de brinquedos sem rotulações de serem destinados a meninos ou meninas. Essas atividades são atribuídas ao combate à intolerância, levando as crianças a terem uma reflexão sobre solidariedade, provendo assim a diminuição da exclusão baseada no sexo, cito a misoginia, machismo, sexismo, xenofobia, racismo, transfobia, homofobia, lesbofobia (Furlani, 2009). Não é apenas de obter estratégias de ensino voltadas para a Educação Sexual, mas também da postura humanizada, que destaca a sexualidade como uma parte intrínseca de cada aluno/a (Brunetto e Araújo, 2009). O diálogo sobre Educação Sexual deve encontrar espaço nas escolas, que não só têm a missão de proporcionar aprendizado, mas também de contribuir para o desenvolvimento integral dos educandos em diversas esferas. Escolas que negligenciam a Educação Sexual, conforme Furlani (2013), estão, em última análise, educando de maneira parcial, deixando de lado uma parte crucial do desenvolvimento (Fernandes e Lorenzetti, 2018) Ressalto, portanto, a importância de desafiar a perspectiva conservadora que sugere que apenas na adolescência as pessoas comecem a compreender seus corpos porque, assim, podemos evitar abusos, dores físicas e emocionais e traumas. A Educação Sexual é um direito da criança, que ao conhecer seu corpo, também o vê de modo social e cultural (Soares e Ribeiro, 2023).

Para ilustrar as teorias, dei continuidade com a apresentação do primeiro vídeo Diz#mente - Educação Sexual nas Escolas, O vídeo é conduzido por Pedro, onde utiliza de postura jornalista e mostra dados que melhor permite que quem assiste, tenha segurança em suas indagações. A aula seguiu com a discussão do slide seguinte onde tratava da *Relevância Social De Se Trabalhar a Educação Sexual* trazendo conceitos de Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2011). Iniciei o diálogo abordando o primeiro tópico *Abordagem ao Longo da Vida*. Perguntei à turma como esse conceito foi fornecido, então **Holanda** destacou a

possibilidade de naturalizar a discussão sobre Educação Sexual ao longo da vida, já que todos os ciclos são novas descobertas. Concordando com sua observação, salientei que, ao incorporar a Educação Sexual de maneira cuidadosa e acolhedora ao longo da vida, as crianças terão uma melhor compreensão de seus questionamentos quando não se identificarem com determinada influência do modo de se vestir, andar, falar, sobre os ciclos que cercam toda a trajetória do ser, sobre a orientação sexual e que estas/es incorporem a sexualidade como um aprendizado vitalício que estará presente dentro e fora do ambiente escolar, pois a ES estará em suas casas, com amigos e principalmente à sós (Luzzi, Costa e Bello, 2007). Essa abordagem reflete não apenas no presente, mas também influencia no cuidado que essas crianças terão quando se tornarem adultos/as, e decidirem ou não criar uma família, irão perceber que não há malefício em considerar a Educação Sexual como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem. Conseqüentemente, se tiverem a escolha de serem pais, mães e responsáveis que naturalizam os ciclos trazidos pela sexualidade, contribuirão para que o/a professor/a da Escola de sua criança desenvolva esses parâmetros sem tabus e com o apoio familiar (Furlani, 2009). Avançando para o segundo tópico *Respeito à Diversidade*, reforço o debate anterior sobre solidariedade e tolerância. Compartilho com a turma que cheguei a considerar que o silêncio sobre o tema também educa, mas de modo não intencional, portanto é importante considerar objetivos pedagógicos no tratamento do assunto (Fernandes; Lorenzetti, 2019). Dessa forma, as crianças podem cultivar um respeito solidificado por essas diferenças, mas também conhecendo seu corpo, deixando-as confortáveis e pertencentes a ele. Uma vez que o tema pode ser associada à autoestima a partir do momento que se reconhecem, à indústria da beleza, pois a identidade que assumem consome de vestes, cabelo, cheiro, cosméticos, aos estereótipos de gênero e, ainda, aos padrões de corpos que assolam a sociedade da época, como corpos musculosos e chamativos (Louro, 2006). Nessa etapa da aula, foi notável a expressão surpresa em alguns rostos diante da sugestão de que crianças também podem se sentir parte de espaços como estes. Contudo, expus que as leituras de vida indicam para ao assumirmos o papel de educadores/as, logo é fundamental estarmos prontos/as para situações em que as crianças busquem orientação conosco sobre si mesmas, sobre os corpos dos outros, hábitos e até o que acontece na intimidade da casa em que moram. Sendo assim, nem sempre teremos uma resposta para cada pergunta que surgir, mas precisamos estar abertos para acolher a cada uma delas. Portanto, o tabu precisa ser trabalhado primeiramente em nós. Enquanto pedagogos/as, é indispensável, mesmo diante da discordância do tema, que tenhamos formação sobre o assunto,

para agir em prol da formação integral de crianças e adolescentes, afinal este é o nosso maior propósito profissional. Ignorar as dúvidas e comentários delas e deles representa um retrocesso na linha de ensino-aprendizagem porque faz parte de nossa responsabilidade aprender e nos capacitar para admitir os/as alunos/as e suas indagações. **Estados Unidos** se conecta com a pauta e admite que está buscando mais conhecimento para humanizar sua conduta de professora e não censurar a sexualidade contida nas situações diversas que acontecem no dia a dia dentro e fora da Escola.

Por observar o modo de tratamento das colegas de trabalho, procuro ser melhor a cada dia para não cometer os mesmos erros. As crianças não têm culpa de terem dúvidas, anseios, medos, mas nós temos culpa de negligenciar isso. A cada dia na Universidade, procuro aprender o máximo possível em relação à diversidade, métodos de ensino, linguagens ... é o que nos faz sermos profissionais qualificados.

O relato foi gratificante, a participação daquelas que contribuíram permitiu que eu conduzisse a aula melhor do que o planejamento propunha. Perceber que aquela aula tinha um significado profundo não apenas para mim, mas também para a aluna **Holanda**, a qual ressaltou a importância de cada momento desde a aula com a disciplina Educação e Corpo a este momento como uma valiosa contribuição para sua vida acadêmica e profissional. Expõe que há espaço para o debate da temática onde faz estágio, já que a Educação Sexual dispõe em ver o mundo pela ótica da aprendizagem somada ao respeito. Nesse contexto, associei o comentário dela aos tópicos que abordam o *Estabelecimento de Limites e a Identificação de Abusos*, não se trata apenas em orientar a criança a reconhecer abusos, mas também de empregar ferramentas que estimulem a aprendizagem de forma compreensiva (Bortolozzi e Ribeiro, 2011). Em exemplo o livro educativo *O Que é Privacidade?* de Meyer (2017) como uma ferramenta de enfrentamento da violência sexual em crianças de três a oito anos. O livro visa facilitar o diálogo, promover momentos de informação e discussão, além de empoderar a criança para identificar situações de perigo e recorrer aos adultos de confiança. Essa iniciativa está intrinsecamente ligada à ideia de estabelecer limites e capacitar as crianças para reconhecer e lidar com possíveis abusos. (Fernandes e Lorenzetti, 2019). Utilizei a observação da jovem **Holanda** como um exemplo concreto de como, ao se dedicar ao ensino da ES, compreender os termos e adotar uma abordagem educativa e não discriminatória, as crianças podem desenvolver uma compreensão crucial sobre o respeito aos limites. Se estiverem cientes de que ninguém deve tocá-las sem sua permissão e de que não devem aceitar manipulações, como presentes em troca de afeto, como abraços ou beijos no rosto, elas serão capazes de reconhecer situações que ultrapassem seus limites e buscar ajuda ao reconhecerem tais

comportamentos como potenciais abusos.

Dando continuidade, apresentei o segundo vídeo Educação Sexual nas Escolas do canal PodPah. Neste vídeo, os apresentadores dialogam sobre a escassez de informações no tempo dos pais deles. Um deles compartilha a experiência da gravidez adolescente de sua mãe, enquanto o outro destaca a importância da Educação Sexual para crianças devido aos abusos sexuais. A linguagem desse diálogo, ao contrário do primeiro vídeo, é mais informal, sendo conduzido de maneira conversacional com o uso de palavras e gírias que arrancaram algumas risadas da turma. Essa abordagem menos formal visou quebrar a rigidez acadêmica, evidenciando que o assunto pode ser discutido de forma acessível, até mesmo em uma descontraída roda de conversa fora do ambiente acadêmico. A discente **Holanda** compartilhou que teve a sorte de crescer em um ambiente familiar onde a educação sexual nunca foi um tabu (Furlani, 2009). Sempre recebeu orientações dos seus pais, especialmente durante sua fase menstrual. Em seu lar, a sexualidade é algo natural e até hoje, mantém uma relação aberta e saudável com sua família, sendo o único lugar em que busca informações quando necessário.

Durante os intervalos que reproduzia os vídeos, monitorava atentamente se a atenção das 45 pessoas era voltada para os debates. A dispersão foi mínima, e a interação dos slides coloridos, diálogos e vídeos manteve a turma engajada no desenvolvimento gradual da aula. Chegando ao fim, abordei a questão das *Fake News*, lembrei a turma sobre o mito do "kit gay" mencionado na campanha do antigo presidente. Para minha surpresa, poucos/as sabiam do que se tratava e o que sabiam era só a ponta do iceberg. O "kit gay" foi um terror social, uma séria distorção de propostas governamentais da campanha do ex presidente Jair Bolsonaro que em 2018 buscou causar na sociedade um verdadeiro colapso de pânico moral, induzindo as pessoas a acreditarem que as crianças “tornariam-se” homossexuais caso entrassem em contato com a Educação Sexual, tratando diretamente a homossexualidade como doença. Além de fazer com que os pais, mães e responsáveis interpretassem o tema como um método de influenciar crianças a iniciarem a vida sexual na infância. Utilizei a frase popular de que “uma mentira repetida mil vezes, torna -se verdade”, fazendo a democracia passar longe já que a implementação desse “kit” era praticamente como ter uma arma apontada para a cabeça das famílias tradicionais brasileiras, induzindo estas a voltarem no governo de direita conservadora. Qual pai, mãe ou responsável iria querer que sua criança usufrísse da “mamadeira de piroc4”? Que nada mais, nada menos era uma mamadeira onde o bico era em formato de um pênis, essa mamadeira supostamente iria ser distribuída nas

escolas de todo país, objeto este inexistente junto ao “kit gay” (Maranhão, Coelho e Dias, 2019). Ao falarmos sobre o tema, é essencial destacar que essa narrativa foi amplamente desacreditada e utilizada de maneira sensacionalista para criar temor e resistência em relação a iniciativas de ES que visam promover a compreensão, a tolerância e o respeito à diversidade.

Abordar essa questão implica reconhecer as preocupações legítimas das pessoas e, ao mesmo tempo, oferecer informes baseados em fatos (Bortozzo e Seffner, 2020). Alguns comentaram que ouviram falar na época, mas não tinham certeza do que se tratava. Destaquei o quão absurda foram as distorções de informações, criminalizando a Educação Sexual e tornando ainda mais desafiador para educadores/as trabalharem em sala de aula. Além disso, explorei como notícias falsas interferem em temas rotulados como Educação Sexual, exemplificando como informações distorcidas sobre a morte de uma pessoa LGBTQQICAAPF2K+ podem impactar negativamente no tratamento desses assuntos em sala de aula. Abordei também a persistente visão equivocada de que a Educação Sexual se resume apenas a práticas sexuais. Em sequência foi reproduzido o último vídeo do canal Porta dos Fundos com a temática Fake News, o vídeo trabalhado de forma icônica trouxe críticas inteligentes voltadas aos prejuízos trazidos por notícias falsas, citando também o Kit Gay, Ideologia de Gênero e a Mamadeira de Piroc4 citada anteriormente.

Para o encerramento da aula, foi planejada uma dinâmica. No entanto, mesmo seguindo o cronograma, as discussões tomaram um rumo reflexivo e questionador, tornando discrepante inserir a dinâmica após o vídeo já que o intuito da dinâmica seria de reforçar a temática da aula, para que eu pudesse visualizar se houve compreensão da mensagem que desejei passar, mas a turma mostrou que além da compreensão, houve relatos coerentes com a temática. Além disso, considerei o horário que havia cronometrado para encerrar a aula estava curto, percebi que a dinâmica levaria mais tempo do que eu tinha calculado. Como forma de agradecimento pela experiência, tempo concedido e espaço, presenteei a turma com pirulitos, uma forma de expressar minha gratidão pelo acolhimento e por ser reconhecida. Eternizei o momento com uma foto simbolizando essa etapa gratificante e emocionante de atuar por um dia como educadora em uma universidade onde passei cinco anos da minha vida, enfrentando desafios e fazendo descobertas. Recebi aplausos e os parabéns pela iniciativa, as alunas que participaram da aula, me desejaram sucesso na jornada, consolidando minha convicção naquele momento sobre a escolha de conduzir esta pesquisa até aqui.

4. FINAIS QUE NÃO ACABAM

Esta pesquisa foi direcionada para a valorização da presença das crianças no ambiente educacional, respeitando o desenvolvimento delas. Escolhi a Educação Sexual como tema, pois é uma área que frequentemente causa terror nos/as responsáveis pela educação destas, mais do que nas próprias crianças, que nascem livres de pensamentos impuros, racistas, homofóbicos, transfóbicos, lesbofóbicos, sexistas, machistas, capacitistas e xenofóbicos. Os/as principais orientadores/as e acolhedores/as dessas crianças são a família e a escola. Considerando minha função social como futura pedagoga, com o objetivo de proporcionar uma educação progressista, decidi levar as teorias científicas aprendidas ao longo da graduação, juntamente com minhas vivências em Educação Sexual, aos/as futuros/as pedagogos/as que estão sendo introduzidos no contexto da sexualidade, apoiando-se em disciplinas como Educação e Corpo.

A escolha da turma do 5º período para a aplicação de uma aula expositiva que contribuísse para minha pesquisa foi profícua para avaliar como esses futuros/as discentes estão lidando com a ideia de implementar a Educação Sexual em suas aulas e estágios e, ainda, trazer inspirações pedagógicas sobre o tema. Este estudo pode ser inserido nas pedagogias contemporâneas, onde, em vez de nos preocuparmos apenas em cumprir as demandas institucionais, devemos nos questionar sobre a contribuição que estamos oferecendo na formação pessoal desses/as alunos/as. Embora eu reconheça que não é/foi uma tarefa simples, os tabus presentes nas falas e expressões corporais dos futuros/as profissionais correspondem à carga que receberam de professores/as, famílias e responsáveis, refletindo as crenças antiquadas sobre a Educação Sexual.

Deste modo, a pergunta orientadora foi respondida na medida em que levei sequências didáticas possíveis de serem trabalhadas nos anos iniciais do ensino fundamental, mesmo que de forma rápida durante a execução da aula, como descrito detalhadamente na seção anterior mostrei que há atividades que asseguram a ES ser inserida nos planos de aula. O objetivo geral de promover saberes sobre Educação Sexual na disciplina de Educação e Corpo, para estudantes de Pedagogia foi executado, sobretudo, com as participações de Holanda, Nova Zelândia, Inglaterra, Estados Unidos e Bélgica. Após o encerramento da aula, percebi que até mesmo o silêncio da turma é uma forma de responder a minha monografia e aos questionamentos que ela levantou. As alunas que contribuíram para a fluidez desse momento com relatos, opiniões e indagações, era visível que incorporaram a Educação Sexual como parte integrante da Educação.

Posso expressar-me assim, pois, ao chegar à escolha desta pesquisa, passei pela mesma disciplina de Educação e Corpo que desencadeou em mim a compreensão de que a Educação Sexual é muito mais importante do que eu poderia imaginar. Essa disciplina provocou reflexões sobre quantos abusos infantis poderiam ser evitados se famílias, professores/as e crianças conhecessem o básico do que a proposta da Educação Sexual traz. À medida que essas crianças crescem e se tornam adultas, a bagagem educacional auxilia na formação como pessoa, evitando até mesmo que se tornem abusadores/as. Aos/as que permaneceram em silêncio, mas com os olhos atentos a cada etapa, isso não significa concordância ou discordância com o que estava sendo discutido naquele momento. Tinham a liberdade de permanecer ou não na aula, e mesmo assim, receberam sementes que podem dar frutos.

Mesmo que esses/as futuros/as professores/as não coloquem a Educação Sexual em prática, irão lembrar desse momento e compreender que sempre podem fazer mais por sua turma além de ensinar a ler e escrever. No corpo do texto, trago a afirmativa de que, geralmente, quando as crianças não encontram acolhida em casa, procuram na escola, tornando-nos sua fonte de segurança. Aos/as poucos licenciandos/as que se dispersaram durante a discussão, fica evidente que ser um/a profissional que acolhe, educa e busca constantemente melhorias para sua profissão depende exclusivamente desse/a educador/a. O fracasso como profissional não está relacionado à instituição que nos formou, mas à postura que adotamos após a formação. A universidade compartilha conosco conhecimentos científicos, estágios e vivências que possamos lecionar com maestria e responsabilidade. Passar por todo esse processo e desconsiderar que temas desafiadores, como a Educação Sexual, podem salvar crianças é afirmar que ainda não estamos prontos para o mundo e muito menos preparados para sermos transmissores de conhecimento para uma sala com doze, quinze, vinte ou até mesmo trinta crianças.

A Educação Sexual está presente em todos os lugares; ignorar sua presença é negar a própria existência. Nascemos com a sexualidade incorporada em nosso ser, construímos uma identidade através dela ao nos identificarmos com alguém e ao desejarmos ser iguais ou diferentes a essa pessoa. Mesmo que esse tema não esteja integrado nas aulas dos/as docentes, situações inusitadas ocorrerão, exigindo nossa intervenção. Aprender, planejar e aplicar o conhecimento adquirido na universidade não garante que seremos os melhores professores ou professoras, mas nos assegura a responsabilidade de acolher e orientar nossos/as alunos/as que por essas atitudes nos considera o/a melhor no que fazemos por eles/as.

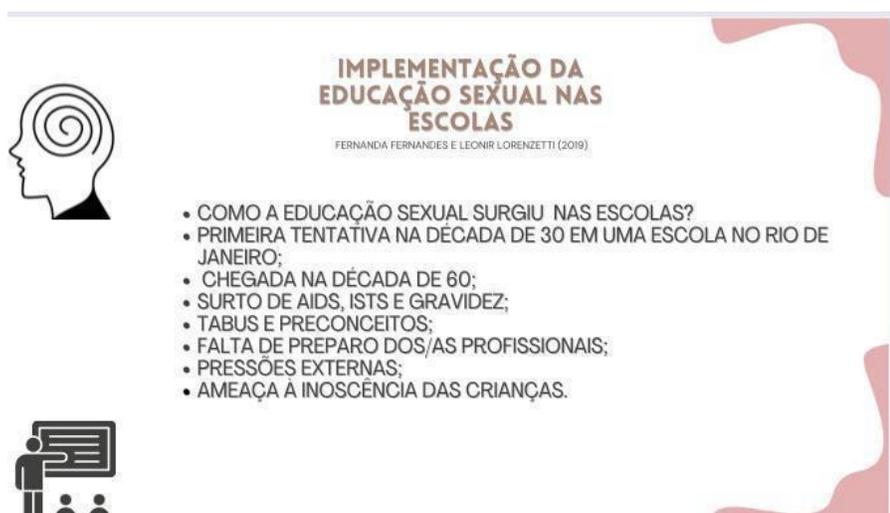
REFERÊNCIAS

- ACCORSI, Fernanda Amorim; TERUYA, Teresa Kazuko. A pesquisa como ato reflexivo de coragem e disputa por significado. *TEXTURA-Revista de Educação e Letras*, v. 22, n. 49, 2020.
- ARCARI C. (2017). Educação Sexual como Prevenção da Violência Sexual. *Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Direitos sexuais são direitos humanos: coletânea de textos. Brasília: Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes*, 23-28.
- BRASIL. Supremo Tribunal et al. Constituição Federal. **Lei Federal**, 1988.
- EDUCAÇÃO SEXUAL NÃO ESTIMULA ATIVIDADE SEXUAL. Gov.br, 2023. Disponível em:
<https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contrafake/noticias/2023/3/educacao-sexual-nao-estimula-atividade-sexual>. Acesso em: 02 de setembro 2023
- FERNANDES, F., & LORENZETTI, L. (2018) A Educação Sexual nos anos iniciais contribuições de uma sequência didática. *IX Workshop do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática ISSN 2525-6645 v. 2*, p. 1-3
- FERNANDES, F., & LORENZETTI, L. 2019. A Educação Sexual nos anos iniciais: um estudo a partir de dissertações e teses. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, 12(1).
- FRIGOTTO, G. (2016). “Escola sem partido”: imposição da mordaza aos educadores. *e-Mosaicos*, 5(9), 11-13.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. *doxa*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.
- MORAES, Isabela. Educação Sexual: o que é e como funciona em outros países. *Politize*, 2019. Disponível em:
<https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2024.
- O TEMPO. Diz, mente#7- Educação sexual nas escolas. You Tube, 2 de setembro de 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=H8FyAcUfjOc&list=WL&index=23>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.
- PORTA DOS FUNDOS.Fake News.You Tube, 27 de outubro de 2018. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=NM9wDPYWKcA&list=WL&index=24>. Acesso em 08 de agosto de 2023.
- RIBEIRO, Marcos; REIS, Wagner. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 18, n. 2, 2007.

ROCHA, Lucas. Familiares e conhecidos são responsáveis por 68% dos casos de violência sexual contra crianças no Brasil, diz Saúde. *CNN BRASIL*, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/familiares-e-conhecidos-sao-responsaveis-por-68-dos-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-no-brasil-diz-saude/>. Acesso em: 02 de setembro 2023.

TSE DETERMINA REMOÇÃO DE POSTAGEM COM FAKE NEWS DE BOLSONARO SOBRE 'KIT GAY'. *Carta Capital*, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/tse-determina-remocao-de-postagem-com-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay/>. Acesso em: 22 de outubro 2023

APÊNDICE I- Imagens do slide utilizado na aplicação da aula





BENEFÍCIOS DE TRABALHAR EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

Fernanda Fernandes e Leonor Lorenzetti (2019)



- PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL;
- USO DOS TERMOS CORRETOS DAS PARTES ÍNTIMAS;
- COMBATE AO ESTIGMA E A DISCRIMINAÇÃO;
- SAÚDE: ISTs, GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA...



RELEVÂNCIA SOCIAL DE SE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL

Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Renato Marçal Ribeiro. 2011.



- ABORDAGEM AO LONGO DA VIDA;
- RESPEITO À DIVERSIDADE;
- INDETIFICAR ABUSO;
- ESTABELECEER LIMITES;
- DESENVOLVIMENTO DE RELAÇÕES SAUDÁVEIS.



GRATIDÃO



APÊNDICE II - Registro final com a turma



APÊNDICE II - Plano de aula

PLANO DE AULA	
TURMA/ANO: - Pedagogia 2022.2	SEMESTRE/ANO LETIVO: 2023.1
DISCIPLINA(S): Educação e Corpo	
PROFESSORA: Geovana Borges	Horário e Local: 19:00h às 22:00h
TEMA(S): Educação Sexual Nos Anos Iniciais.	
OBJETIVO GERAL: Discutir as possibilidades pedagógicas de trabalho com Educação Sexual em sala de aula nos anos iniciais.	
<p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <p>Identificar os possíveis desafios enfrentados pelos/as futuros/as profissionais ao tentar inserir a Educação Sexual nas suas práticas de ensino;</p> <p>Considerar a percepção dos/as graduandos/as em relação a importância e o valor da Educação Sexual nas Escolas especialmente nos anos iniciais;</p> <p>Propor maneiras de implantação da Educação Sexual nas práticas de ensino dos/as futuros/as pedagogos/as especificamente nos anos iniciais.</p>	
<p>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:</p> <p>Arcabouço teórico da aula: artigos de Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti (2019) A Educação Sexual nos Anos Iniciais, Ana Cláudia Bortolozzi e Paulo Rennes Marçal (2011) Educação Sexual: Princípios Para Ação.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Apresentar a história da Educação Sexual no Brasil juntamente com marcos importantes e obstáculos encontrados para poder implementá-la nas escolas como os tabus e preconceitos, falta de preparo dos/as educadores/as, pressões externas e ameaças à inocência das crianças; (Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti, 2019) Tempo de exposição e diálogo: 10 - 15 min ● Discutir os benefícios de trabalhar Educação Sexual nas escolas, enfatizando seu 	

papel no âmbito da saúde, prevenção de abuso sexual, gravidez na adolescência e o desenvolvimento saudável da sexualidade; (Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti, 2019) Tempo de exposição e diálogo: 20 - 25 min

- Problematizar os princípios apresentados pelos autores na importância de se trabalhar Educação Sexual, onde os/as autores/as falam da relevância social da temática tratando de ética, cultura e gênero. Abordar a integração na formação, trazendo a afirmativa dos/as autores/as na relação do preparo do/a profissional para trabalhar Educação Sexual nas escolas; (Ana Cláudia Bortolozzi e Paulo Rennes Marçal, 2011) Tempo de exposição e diálogo: 30 - 35 min
- Discutir sobre fake news com o vídeo : Diz, Mente #7 - Educação sexual nas escolas do canal O TEMPO; (You Tube) Tempo de diálogo: 7-9 min
- Fake News, trecho de um vídeo do Porta dos Fundos; (You Tube) Tempo de exposição e diálogo: 2-3 min
- Dinâmica: Mito ou Verdade. Tempo de exposição e diálogo: 15 - 20 min

METODOLOGIA:

Iniciarei me apresentando para a turma e expondo o objetivo do meu projeto de pesquisa e a importância da aula. Irei apresentar a história da Educação Sexual nas escolas utilizando os artigos de Fernanda Fernandes e Leonir Lorenzetti (2019) A Educação Sexual nos Anos Iniciais, Ana Cláudia Bortolozzi e Paulo Rennes Marçal (2011) Educação Sexual: Princípios Para Ação. Os artigos serão apresentados por títulos, autores/as e temas. Após esse momento, entregarei alguns cartões aos alunos e às alunas com mitos e verdades que a Educação Sexual carrega.

Separados por ordem de relevância, os artigos serão discutidos em quatro tópicos sequenciais, onde a discussão levará de 1:00h à 1:20h. Nessa sequência, darei continuidade a aula falando sobre os prejuízos trazidos pelas fake news com a temática Educação Sexual. Os vídeos serão transmitidos para a turma levando cerca de 10 à 12 minutos, sendo o ponto chave para o início da dinâmica. A aula será encerrada com uma atividade em grupo baseada em uma dinâmica sobre mitos e verdades que foram abordados durante esse tempo. Irei dividir a turma em grupos e com os cartões que entreguei no início da aula, os grupos terão que escolher um só cartão para ser debatido. Darei um tempo de 10 minutos para que escolham o cartão e formem seus argumentos, assim, daremos início aos debates. Por fim, irei expor a importância de ter conhecimento da temática e desmistificar as fake news em sala de aula evitando prejuízos no processo de aprendizagem das crianças.

Me despeço da turma agradecendo o espaço e a disponibilidade de todos/as.

AVALIAÇÃO: A aula será avaliada a partir de uma dinâmica em grupo:

Tema da dinâmica: Mito ou Verdade ADP

Realização: No início da aula, será distribuído cartões para os/as alunos/as com quantidades iguais de mitos e verdades sobre Educação Sexual. Todos os conceitos inseridos nos cartões estarão presentes nas explicações.

No final da aula, pedirei para que a turma reúna-se em grupo e analisem se os cartões dos/as integrantes contém mitos ou verdades. Darei 10 minutos para iniciar a discussão. Após esse tempo, pedirei para que cada grupo escolha um cartão com mito e outro com verdade e compartilhem com os/as demais.

Reflexão Final: Após todos os grupos encerrarem suas discussões, irei refletir sobre a atividade e o quão prejudicial os mitos são para a Educação Sexual. Trazendo malefícios para a aprendizagem do/a aluno/a e até mesmo para o/a professor/a que não tem o melhor preparo para desmistificar as fakes news.

Importância da Dinâmica Para a Pesquisa: Tenho como intuito avaliar a aula partindo da dinâmica realizada com turma. O propósito é verificar se a mensagem que busquei transmitir foi compreendida e assimilada. Considerando que existe sexualidade em crianças e haverá situações que demandem da nossa intervenção.

CRONOGRAMA: Iniciar a apresentação às 19:00h, às 19:10 partirei para a explicativa com a duração de 1:20h (uma hora e vinte minutos), disponibilizando 13 minutos (treze minutos) para a apresentação dos vídeos, 20:00h (vinte minutos) para a dinâmica e 10 minutos (dez minutos) para o encerramento.

BIBLIOGRAFIA

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. *doxa*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

FERNANDES, F., & LORENZETTI, L. 2019. A Educação Sexual nos anos iniciais: um estudo a partir de dissertações e teses. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, 12(1).

O TEMPO. Diz, mente#7- Educação sexual nas escolas. You Tube, 2 de setembro de 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=H8FyAcUfjOc&list=WL&index=23>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.

PORTA DOS FUNDOS.Fake News.You Tube, 27 de outubro de 2018. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=NM9wDPYWKcA&list=WL&index=24>. Acesso em 08 de agosto de 2023.

MORAIS, Jéssica Rodrigues et al. Dinâmica “mitos e verdades” como estratégia de educação alimentar e nutricional de escolares: um trabalho de extensão realizado pelo Programa de Educação para o Trabalho do curso de Nutrição da Universidade Federal de Viçosa (PET-NUT/UFV). **JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care| ISSN 2179-6750**, v. 7, n. 1, p. 12-12, 2016.